

## EDITORIAL

7

### Na Pauta: Desconstruir e reconstruir práticas

É comum se ouvir a frase de não há necessidade de se inventar a roda todo dia. Todo construir é, nesse sentido, um fenômeno que contempla, dialeticamente, ações de desconstrução e reconstrução. E é na eterna construção de uma obra que jamais deve ser concluída que o conjunto de textos disponíveis nesta edição da **Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo** chega aos leitores e leitoras.

Nessa linha de raciocínio, no artigo que abre a edição, *Matrizes curriculares, laboratórios e TCCs: três dimensões do tensionamento entre teoria e prática no Ensino de Jornalismo*, Luis Mauro Sá Martino enfatiza os tensionamentos concernentes à formação dos futuros profissionais no ano em que as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Jornalismo completam uma década de existência. O trabalho identifica como o falso dilema entre teoria e prática perpassa a construção dos projetos pedagógicos dos cursos de jornalismo no país, como os veículos laboratoriais migram entre espaços de reprodução de práticas consolidadas no mercado e de experimentação e, finalmente, qual é o papel do famigerado Trabalho de Conclusão de Curso.

Na sequência, María Teresa Suárez González e Juan Camilo Ruiz Salazar, em *Reproducción social de las violencias y los miedos*, a partir da experiência colombiana — mas que partilha aspectos da realidade sócio-histórica com outros países latino-americanos —, avaliam o fenômeno da violência a partir das principais representações sociais na imprensa contra líderes sociais, artífices notórios quando se pensa em reconstruir. Um enquadramento eminentemente voltado para a construção do medo é, na visão dos autores, um desafio para a própria existência da política enquanto espaço para o enfrentamento aos principais problemas coletivos.

Essa mesma imprensa que muitas vezes auxilia na corrosão democrática é também aquela que ajuda a constituir a cultura. Em *Considerações teórico-metodológicas sobre memória e narrativa na pesquisa histórica dos “jornalistas do samba”*, Matheus Lobo Pismel, partindo de uma discussão sobre narrativa e memória entre as décadas de 1930 e 1970, demonstra esse princípio ao explorar as implicações dos papéis de jornalistas e intelectuais como mediadores culturais proeminentes para a legitimação do samba enquanto gênero basilar da música brasileira.

Adiante, no artigo *A diversificação na carteira de pautas da FolhaInvest: uma análise de textos sobre investimentos*, Eduardo Ritter volta as atenções para o que é pautado no caderno de investimentos publicado pelo jornal *Folha de S.Paulo*. Um dos principais resultados do texto — de que há certa diversidade nos assuntos levados ao público quando o assunto é investimento — é contrastado com a dificuldade de incorporar um público com pré-disposição a investir, mas pouco ligado ao tema, algo que é contrabalanceado por algumas colunas e reportagens sobre comportamento.

Com o olhar direcionado para a *Folha de S.Paulo* e *O Globo*, Thais de Mendonça Jorge e Francisco Verri, no artigo *Valores duradouros brasileiros: a predominância do privado sobre o público*, até certo ponto explanam como a pandemia, período no qual houve certo enaltecimento ao Sistema Único de Saúde no Brasil por parte da imprensa corporativa, foi um período de exceção. Em uma interessante recuperação do conceito de *valores duradouros* do sociólogo Herbert J. Gans — que os diferencia dos *valores tópicos*, aqueles fatores de noticiabilidade mais temporais e localizados —, o texto demonstra o quanto os dois jornais priorizam uma supremacia da perspectiva privada sobre o público.

Os dois últimos artigos da edição estão na esteira do dossiê *Jornalismo e Decolonialidade*<sup>1</sup>, publicado no primeiro semestre. Em *A não observância da dimensão cidadã das crianças na cobertura de ataques a escolas*, as pesquisadoras Isabel Colucci Coelho e Lynara Ojeda problematizam a questão das representações da infância a partir de uma análise de conteúdo da cobertura do portal G1 ao ataque a uma creche no estado de Santa Catarina que resultou na morte de quatro crianças. Segundo as autoras, a reprodução de algumas lógicas da modernidade geram certo descompasso entre valores profissionais do jornalismo e sua ação cotidiana — o que exigiria reflexões para renovar processos e práticas jornalísticas.

Por fim, Claudia Lago, Gean Gonçalves e Evelyn Kazan assinam o texto *Jornalismo a partir da lógica decolonial: o caso do Nós, Mulheres da Periferia*. Nele, analisam textos de uma iniciativa de jornalismo existente na periferia de São Paulo que procura proporcionar visibilidade a pautas e a grupos que costumam, de acordo com a investigação, ser socialmente marginalizados pela imprensa de referência. Questões de gênero e de raça atravessam os temas noticiados no site, criado em 2014. Segundo o estudo, o espaço veicula materiais embasados em depoimentos de moradoras da periferia e em suas vivências, como também artigos que relatam e divulgam eventos na periferia, a partir de olhares contextualizados.

Este *paper*, em especial, foi posto imediatamente antes da entrevista desta edição com Dione Oliveira Moura, jornalista negra e relatora do projeto pioneiro de ações afirmativas na Universidade de Brasília (UnB), em 2003. Na instigante conversa com as pesquisadoras Paula Melani Rocha e Karina Janz Woitowicz, responsáveis pelo grupo de pesquisa *Jornalismo e Gênero* no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, a entrevistada, além de relatar algumas de suas contribuições para os estudos de jornalismo, aborda os desafios para a construção de uma epistemologia afrocentrada.

Por fim, duas resenhas. O pesquisador Felipe Adam avalia a obra *A arte da biografia*, de Lira Neto. Publicada pela Companhia das Letras, o autor, sem cair nas amarras de um manual, busca demonstrar, a partir de sua experiência de mais de dez livros escritos, quais os desafios para a escrita do gênero biografia. Já Francilene de Oliveira Silva olha para a obra *La inteligencia artificial en el periodismo. Mapping de*

<sup>1</sup> Disponível em <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/issue/view/898>.

*conceptos, casos y recomendaciones*, organizada pelo pesquisador Santiago Tejedor. Publicada pela Editorial UOC, a obra é fruto de uma pesquisa desenvolvida nos últimos dois anos sobre os impactos que a inteligência artificial apresenta ao jornalismo.

\*\*\*

A equipe editorial da **Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo** reforça que está aberta a chamada para o dossiê *O lugar do paradigma jornalístico no campo científico: debates epistemológicos*, organizado pelos pesquisadores Guilherme Carvalho e Marcelo Engel Bronosky, previsto para ser publicado na primeira edição de 2024. Além disso, o periódico permanece aberto para receber propostas de dossiês temáticos para o segundo semestre e, claro, artigos, resenhas, entrevistas e relatos de experiência em fluxo contínuo.

Próximo ao encerramento de mais um ano de conquistas acadêmicas, esta equipe editorial expressa gratidão aos leitores e leitoras. Que as festas de fim de ano sejam repletas de alegria, harmonia e inspiração e que o próximo ano traga ainda mais descobertas e realizações. Boas festas e um próspero 2024!

E, claro, ótima leitura e até a próxima edição.

Ponta Grossa, 23 de dezembro de 2023.

**Hendryo André e Marcelo Engel Bronosky**